dade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2004. [Links]

VALE, C. M. R. Violência simbólica e rendimento escolar. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2004. [Links]

VIÑAO, A. Espaços, usos e funções; a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Maucus Levy (org.). História da educação, arquitetura e espaço escolar. São Paulo: Cortez, 2005

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E SUAS INQUIETAÇÕES NA COMUNIDADE ESCOLAR

ADRIANA GALDINO DE MORAIS

RESUMO

O brincar faz parte da natureza infantil e é direito indissociável da criança. No entanto, reflexões importantes sobre a importância do brincar, causam algumas inquietações que compreendem diversas circunstâncias e abrangem desde as práticas sociais até as esferas culturais e políticos pedagógicos. As primeiras inquietações acontecem ao observar as transformações sociais, as mudanças de valores culturais que interferem diretamente no desenvolvimento infantil. Todavia, as ponderações relacionadas a todos os aspectos citados, levam relevantes considerações sobre as possibilidades de engajamento entre comunidade e escolas (especialmente as de educação infantil), para a transformação tanto da comunidade em si, como pelo engajamento em busca de comprometimento de políticas públicas que viabilizem a qualidade no desenvolvimento e da educação infantil. Ademais, pontos relevantes sobre a importância das brincadeiras simbólicas, jogos, brincadeiras de faz-de-conta e seus reflexos na vida adulta é um aspecto fundamental a ser edificado nesta análise.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar; Inquietações; Comunidade; Desenvolvimento infantil.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade, abordar a importância da brincadeira enquanto instrumento fundamental para o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional da criança, abordando especialmente a sua magnitude na primeira infância e o papel fundamental dos adultos, que cercam esta criança (seja como educador ou como tutor), em proporcionar condições que favoreçam o acesso desta criança ao direito universal e indissociável de brincar, além disso, serão abordados aspectos importantes: sociais, políticos e culturais que têm distanciado cada vez mais nossas crianças de vivenciarem as brincadeiras típicas culturais.

O ato de brincar, é um direito faz parte da essência do ser humano, desde a mais tenra infância e ao falar do direito da criança em ter acesso à brincadeira, vale lembrar que a criança é vista como um cidadão que tem seus direitos assegurados por lei, uma das mais recentes é o ECA (Estatuto da criança e do Adolescente) que estabelece em seu artigo 16, que toda criança e adolescente tem direito a “brincar, praticar esportes e divertir-

-se".

As primeiras brincadeiras de um bebê não são ensinadas, fluem naturalmente, ao observar um bebê desde os seus primeiros meses de vida, notamos que eles ouvem, acompanham movimentos com os olhos, logo começam a notar a existência do próprio corpo, tenta capturar objetos com as mãos e leva-los à boca (fase sensorial-motor - Piaget), quando oferecemos um brinquedo a um bebê, estamos oferecendo a ele, a liberdade de tocar aquele objeto com os pés ou as mãozinhas, nesse sentido ele já pode ser protagonista, pois ele é quem decide o que fazer com o objeto que lhe foi oferecido, já é notável o comportamento que vai impulsionar o homem a novas conquistas durante toda a sua vida, assim como um automóvel é movido a combustível, o ser humano é movido à curiosidade.

É fundamental que a criança seja estimulada. E o que é o estímulo nesta fase inicial da vida? A brincadeira!

Muitas pessoas acreditam que um bebê não faz nada, não aprende nada e não sabe nada! Porém, se pararmos para pensar em todo o conhecimento que uma criança conquista, enquanto aprendizagem, ao longo do primeiro seu ano de vida, perceberemos que percorreu um longo caminho, que internalizou e se apoderou de grandes aprendizagens e por sua vez, essas conquistas necessitaram de grandes esforços sensório motor e cognitivo.

A brincadeira está inserida na vida do ser humano em diversos momentos da existência humana como comportamento espontâneo, natural e descomprometido, de fundamental importância para seu desenvolvimento, no entanto, é notável a mudança de comportamento das populações dos grandes centros urbanos, sobretudo das populações periféricas, onde as brincadeiras de rua eram muito comuns, as crianças ocupavam espaços como: ruas e terrenos baldios, tendo como única preocupação o brincar pelo brincar.

Buscando explicação para isso, observamos que o processo de verticalização da cidade, o aumento significativo da frota de automóveis, as drogas e a violência, entre outros fatores, tornaram esses espaços cada vez mais escassos e totalmente inapropriados para que as crianças possam exercer seu direto à brincadeira, que começou a ser deixada de lado, ou substituída por outras formas de entretenimento como: televisores, games e a internet.

A consequência da perda desses espaços associados a uma ineficiente política pública de compensação à perda de espaço de lazer, sobretudo às populações mais carentes, trás uma série de consequências, dentre elas: a perda cultural das brincadeiras de rua, e a concepção de uma geração de crianças sedentárias, além disso, associado a este fator, temos ainda, o decrescente número de crianças por família ao longo das últimas décadas, naturalmente, quando as crianças não têm oportunidade de brincar com outras crianças dentro de suas próprias casas, restam a elas espaços coletivos como: espaço escolar ou condomínios, este último é menos usual, o conceito de boa vizinhança mudou ao longo dos tempos, as pessoas estão impacientes e pouco cordiais, o preocupante nisso tudo, é o quanto e como a falta de interação entre as crianças pode refletir em sua vida adulta.

Os adultos devem ter em mente que é através da brincadeira que a criança aprende

e constrói seus conhecimentos, sendo assim, deve existir a preocupação e empenho por parte de educadores e pais, em proporcionar às crianças o direito à brincadeira, cabe aos pais, compreender que brincar é muito mais que recrear, uma vez que é através da brincadeira que as crianças se colocam na posição dos adultos através da imaginação, isso ocorre quando a criança brinca: de motorista, de médico, de cozinheira, ou se colocando no lugar da mãe ou do pai, além de as crianças se colocarem no lugar dos adultos (imitando-os), ela pode através da imaginação manipular instantaneamente e imaginariamente, objetos que os adultos operam e elas ainda não, notamos isso, quando observamos uma criança, fazendo- de-conta que está cozinhando, sendo cabeleireira, dirigindo, etc.

O imaginário é capaz de estimular e desenvolver habilidades muito importantes para as crianças, que certamente devem refletir na sua vida adulta, através da brincadeira de faz-de-conta, a criança a se apropria de situações que ela só poderá viver no futuro.

A brincadeira de faz-de-conta assim como jogos de regras, são importantes mecanismos para o desenvolvimento cognitivo, emocional e físico da criança, uma vez que nas brincadeiras de faz-de-conta a criança imagina-se vivenciando essa ou aquela situação, enquanto os jogos desenvolvem inúmeras habilidades como: lidar com as frustrações (uma vez que, enquanto um ganha, o outro perde); respeitar a vez do outro, esperar pelo seu momento; raciocínio; criatividade; oralidade; flexibilidade; noção espacial; lateralidade; atenção; dentre tantos outros. Naturalmente, a brincadeira desempenha um papel importantíssimo, uma vez que uma vez que em si e por si, estimula a criança a desenvolver de maneira prazerosa o raciocínio: matemático; oral e domínio espacial dentre tantas outras capacidades e é assim que a criança que brinca se torna um adulto: criativo; dinâmico; flexível e interativo com habilidades como: liderança e oratória dentre outras inúmeras habilidades que farão toda a diferença no processo de maturação do ser humano em desenvolvimento.

Outro assunto a ser mencionado e que, tem se tornado um grande desafio a ser driblado por grande parte dos pais e educadores, está relacionado ao uso dos brinquedos, não é raro ouvirmos pais relatarem que gastam mais do que realmente poderiam, para adquirir e oferecer uma diversidade de brinquedos para seus filhos e perceberem que os mesmos perdem o interesse pelo brinquedo rapidamente, muitas vezes em dois ou três dias já é possível perceber que o brinquedo foi abandonado em um canto da casa ou no fundo de um baú, e a criança já demonstra interesse por um novo brinquedo, como se a aquisição de um novo brinquedo fosse imprescindível para mantê-lo entretido, em muitos casos é possível observar que os brinquedos quando não são abandonados, são quebrados rapidamente, ora, podemos presumir que quando a criança não pode estar inserida no processo de construção de um brinquedo, logo ela se coloca no processo de desconstrução do mesmo, isso reforça a ideia de que o ser humano é movido à curiosidade, o processo de desconstrução de um brinquedo é simplesmente o envolvimento cognitivo e naturalmente inconsciente que ocorre no momento em que a criança procura desvendar o processo de funcionamento do brinquedo que lhe é oferecido.

Por outro lado, a busca desenfreada por brinquedos que possam entreter as crianças leva ao comportamento consumis-

ta de maneira desenfreada, a mídia faz bem o seu papel, fortalecendo o comportamento consumista, através de propagandas veiculadas através da Tv, que continua sendo um dos meios mais eficientes de fazer chegar aos lares e naturalmente às crianças o desejo pela aquisição de uma gama cada vez maior de produtos lúdico.

2. UM BREVE ESBOÇO SOBRE AS CONQUISTAS DAS CRECHES NO BRASIL: UM DIREITO E UMA NECESSIDADE SOCIAL

Incialmente antes de mencionar a importância na parceria entre escola e famílias/comunidade, julga-se pertinente, levantar de maneira muito sucinta alguns dados históricos e relevantes que cominaram na emancipação feminina e o que isso representou para a sociedade e para o modelo de família patriarcal presente naquele momento histórico.

No início do século XX, teve início o processo maciço de entrada das mulheres no mercado de trabalho em todo o mundo, no entanto, é na segunda metade do século XX que podemos observar com maior clareza essa mudança no cenário social brasileiro, especialmente nos grandes centros, é então que a estrutura patriarcal presente nos lares começa a sucumbir, o homem que até então era tido como progenitor e mantenedor da estrutura familiar, já não consegue propugnar e manter de maneira digna as necessidades básicas de sua família, é nesse momento que as mulheres precisam deixar suas casas e seus filhos para ocuparem seus lugares no mercado de trabalho a fim de conseguir complementar a sua renda e proporcionar melhores condições de vida a si mesma e às suas famílias, à partir de então a mulher passa a cumprir uma jornada tripla como: mãe, esposa e trabalhadora.

Á partir desse momento, a sociedade se depara com uma inquietação muito importante, se a mulher precisa sair para trabalhar fora de casa, o que fazer com suas crianças?

Inicialmente, era comum que avós, tias e parentes próximas que ainda não ocupavam o mercado formal se colocassem à disposição para executar a tarefa de cuidar das crianças, cujas mães se dedicavam ao trabalho não doméstico, além dessas alternativas, era bastante comum que vizinhas se disponibilizassem para cuidar dessas crianças em suas próprias casas, em troca de recompensa monetária, essa maneira de aumentar os recursos financeiros, se tratava de uma alternativa importante para as famílias cujas mulheres não conseguiam romper com o preconceito patriarcal e trabalhar fora de casa, infelizmente, as famílias que não dispunham de nenhuma dessas alternativas, eram obrigadas a deixar que crianças ainda muito pequenas ficassem em casa sob a tutela de irmão não muito maiores, evidentemente, logo percebeu-se que essas alternativas estavam muito longe de ser o ideal.

De acordo com Lúcia, Alessandra Aparecida. Pontifícia Universidade Católica. João Pessoa (2003, p. 3).

Esta inserção da mulher no mercado de trabalho traz consigo também algumas modificações na estrutura trabalhista do sistema capitalista, como, por exemplo, na década de 1970 quando os movimentos sociais eclodiram pelo país e algumas mulheres começaram a se organizarem enquanto categoria, propondo algumas reivindicações,

como: redução da jornada de trabalho, paridade salarial, creches... Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp- content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.019.pdf> Acesso em 03 de Setembro de 2016).

Não foi fácil para as mulheres superarem as dificuldades familiares, ganhar o mercado de trabalho e conseguirem manter seus postos, inicialmente, as mulheres começaram ocupando cargos que eram recusados por homens que julgavam que esta ou aquela função era de cunho feminino, dessa forma aos poucos as mulheres conseguiram conquistar seus espaços, mas essa era apenas umas das primeiras de muitas dificuldades que precisariam ser vencidas.

De acordo com OLIVEIRA; FERREIRA (1989, p. 39).

Durante o governo de Getúlio Vargas, especificamente durante o período conhecido como Estado Novo (1937- 1945), o Estado assume oficialmente as responsabilidades na esfera do atendimento infantil, sendo criado o Ministério da Educação e Saúde. A rede pública de creches no Estado de São Paulo aparece ligada ao Serviço de Assistência Social, serviço estruturado a partir de 1950 para organizar as doações feitas a indivíduos carentes e a entidades filantrópicas. Nesse período, tanto nos Estados quanto nos municípios, entidades filantrópicas recebiam auxílio governamental para manter suas obras assistenciais. Porém, não havia um compromisso por parte do poder público estadual em criar e manter entidades que atendessem às crianças provenientes de camadas populares. “Inicialmente, a ajuda pública era restrita. Em 1962, por exemplo, era subvencionada a manutenção pelo governo municipal de apenas cem crianças”. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaq ue/iG3tNqxQCLnBRLr_2013-6-28-12-6-20.pdf> Acesso em:06/09/2016).

A luta das mulheres por creches para o atendimento de seus filhos foi um movimento muito difícil, tendo em vista as limitações sofridas pelas mesmas.

A pressão social pelo atendimento à primeira infância ganhou forças entre o final da década de 70 e o início da década de 80, a luta foi árdua, já não era possível depender de limitadas instituições filantrópicas, era necessário que o Estado se colocasse à disposição tomando para si as responsabilidades pelo atendimento às crianças pequenas, sobretudo, aquelas cujas famílias eram menos favorecidas financeiramente.

Segundo OLIVEIRA; FERREIRA, 1989, p. 45, em 1984 apenas 5,9% das crianças recebiam atendimento nas creches, este apontamento deixa claro que era muito modesto o número de crianças que recebiam atendimento nas creches.

Apenas com a Constituição de 1988, quando a mesma conferiu à infância a Educação como um direito, em seu texto fica claro que o atendimento é um dever do Estado e que o mesmo deverá oferecer o atendimento à criança com idade de zero a seis anos embora a sua matrícula não seja obrigatória.

Muitas mudanças ocorreram e atualmente o atendimento é prestado pelo Governo municipal à crianças de 0 à 3 anos e 11 meses em período integral. Muitas mudanças e melhorias no atendimento foram conquistadas, no entanto, observa-se que a sociedade muda ao longo dos anos e o processo de ajustes à Educação Infantil precisa ser contínuo por parte de toda a comunidade Escolar que é composta por: governo, gestão, pro-

fessores famílias e pela própria criança.

3. GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARCERIAS ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE, UMA PRÁTICA NECESSÁRIA

Até aqui abordamos de maneira sucinta aspectos importantes que interferem no desenvolvimento e educação infantil, desde costumes e mudanças culturais até fatos históricos e sociais que levaram a lutas mobilizações populares para a conquista das creches. Todas essas informações nos levam a refletir, que o brincar tem sua essência ligada a vários fatores importantes e que em geral não temos consciência imediata dessa complexidade.

A integração entre escola e comunidade não é composto apenas de um conjunto de práticas burocráticas, vamos além, o objetivo principal é promover a prática e do exercício da cidadania e consequentemente ao processo democrático, e a isso damos o nome de Gestão Democrática.

O planejamento participativo remete a características importantes como: integração, socialização, compartilhamento de ideias que são intrínsecos à formação de uma gestão democrática e conseguinte a um estímulo de transformação social para o exercício da cidadania, mas, sobretudo, deve-se ficar claro que todos que integram esse sistema têm responsabilidades sob o que estará sendo concebido, a escola deve se abrir a este conceito, a escola se torna mais forte quando recebe o apoio popular e naturalmente, quando estão juntos, lutar por políticas públicas que visem a potencialização da educação e bem estar coletivo.

Como em todas as esferas sociais, a Educação carece de políticas públicas que a sustentem, garantam o seu bom andamento, assegurando os direitos e deveres para que sejam alcançados os resultados desejados.

A creche, ao que tudo indica é um dos poucos lugares que restou, onde se espera que a criança possa exercer o seu direito de brincar da maneira mais natural e sublime possível, ainda podemos ir além e refletir sobre todas as ações importantes remetidas pelos personagens que compõem a comunidade escolar: gestão, professores, famílias e poder público. Sim! Ações efetivas são precedidas de ações reflexivas.

A escola precisa acolher as famílias e os professores precisam ter um olhar sensível, pois bebês e crianças pequenas não dominam a expressão verbal, porém seus corpo, expressões e comportamentos revelam muito sobre suas necessidades, ações simples como: acolhimento adequado, atenção especial em momentos que a criança se mostre fragilizada ou uma simples conversa com as famílias, podem ser muito importantes em determinados momentos da vida escolar de uma criança pequena, essas pequenas ações são apenas o começo do rompimento de uma barreira que separa a família e a escola.

A escola deve se abrir para que as famílias sintam a escola, não como um espaço onde estão inseridas, mas como um espaço, que verdadeiramente lhes pertencem, fazer com que a comunidade perceba que a escola lhe pertence é um importante meio de fortalecimento do vínculo: comunidade X escola e principalmente uma consolidação da parceira entre ambos.

A Educação vai além dos muros da escola, sendo assim, à partir do momento em que começa o processo de parceria, a escola já não pode mais estar alheia a as-

pectos sociais da comunidade em seu entorno. As tomadas de decisões podem não ser um processo simples, pois podem envolver muitos conflitos, no entanto, é preciso esclarecer previamente, que diferenças de opinião sempre vão existir, porém as decisões deverão ser deliberadas em função do que for o melhor para o atendimento às crianças e que o ego e a individualidade sempre devem abdicar em nome do bem coletivo.

Pequenas ações podem integrar as famílias com o objetivo tornarem-nas parte efetiva do processo e que se sintam importantes como parte integrante no processo educativo de seus filhos, como: pesquisas, enquetes, momentos de socialização, oficinas, multiplicação de eventos que integrem as famílias, enfim, todo tipo de ação que favoreçam a integração, favorecendo de maneira eficiente a troca de experiências e contribuindo de forma efetiva para a qualidade da Educação Infantil.

A cooperação entre escola e famílias, podem promover ações grandiosas que vão além dos muros da escola, essas ações chegam às esferas governamentais através de amplo debate social, a fundamental importância está no fato de que pressão popular costuma transformar a sociedade, melhorando aspectos importantes como: o aumento de recursos para a educação, melhorias da estrutura física das creches/escolas, ampliação do número de unidades, adequações na alimentação, investimento em material pedagógico adequado e de qualidade, menor quantidade de crianças por professor, melhores salários, formação continuada para os profissionais da educação, parceria na construção do projeto político pedagógico, ampliação dos espaços de lazer em toda a cidade, enfim, a lista é extensa, porém o objetivo não é simplesmente elencar uma exorbitante lista de necessidades ou reinvindicações a serem alcançadas e sim reforçar a ideia de que a sociedade pode sim, através de ações populares, atingir objetivos sobre os quais se propuser a defender.

4. O BRINCAR, SUA IMPORTANCIA E SUA ESSÊNCIA

Após abordar aspectos relevantes como: sociais, territoriais, culturais, escolares e históricos, chega o momento de abordar a importância e os benefícios do brincar para o desenvolvimento infantil e seus reflexos na vida adulta.

A brincadeira se faz presente em todas as culturas (cada qual delas com suas particularidades), sendo uma importante forma de, a criança conhecer a si, ao mundo e a sociedade na qual está inserida.

Segundo a professora doutora TIZUKO MORCIDA (USP/SP): “...o brincar e o educar, podem estar juntos, por que a criança quando brinca, ela está aprendendo um monte de coisas: ela está aprendendo a situar a questão social, ela está aprendendo a criar amizade, ela está aprendendo um monte de coisa a respeito do corpo, do movimento, da exploração, do uso sensorial, o uso de seus movimentos, ela está aprendendo a entrar em situações simbólicas, situações imaginárias...” You Tube (2014, Maio 17) Top Searches on You Tube: A importância do brincar – Profª drª Tizuko Morchida (Usp/Sp) [Video file]. Retrieved from: https://www.youtube.com/watch?v=NdfZTeAp5Tg

Segundo JEAN PIAGET, do período do nascimento até os 2 anos de idade, a criança se encontra no período sensório-motor, sendo assim, ao observamos essa teoria, logo percebemos o quanto é importante que

a criança seja estimulada.

O papel do adulto é criar possibilidades e condições para que a criança possa brincar, é muito comum, por exemplo, a família e até mesmo professores de maternais e de educação infantil, pendurem um móbile no berço da criança ou mesmo no teto, totalmente fora do alcance do bebê, onde a criança vai ter a possibilidade, apenas de observar, e por mais que se esforce não vai conseguir alcançar o objeto que lhe chama a atenção, situações assim são muito comuns, no entanto, pensando o quanto a experiência sensorial é importante nesta fase, podemos promover pequenas ações, que podem enriquecer estes momentos, ao colocar o móbile ao alcance do bebê, por exemplo, além de observar, ele também vai ter a liberdade de tocar com os pezinhos e com as mãozinhas, ao fazer isso, estamos permitindo que a criança tenha liberdade e autonomia para tomar decisão sobre o que ela quer fazer, através dessa experiência logo cedo a criança vai percebendo os aspectos dos objetos: o que é duro, mole, macio, áspero, a diferença entre as cores, entre outras características.

Nesta fase, a criança não precisa de brinquedos caros e elaborados, a busca por consumir brinquedos caros é uma necessidade do adulto e não da criança, o que ela precisa é ter objetos a seu alcance, logo que possível, quando a criança começa a se sentar e engatinhar, pode ser disponibilizado para a criança um cesto, ou mesmo uma caixa de papelão que as crianças adoram, com pequenos objetos do nosso cotidiano doméstico, como: um copo de plástico, uma forma de gelo, um pente, uma tampa de panela, bolinhas e objetos com texturas e formas diferenciadas, são medidas simples, baratas ou até sem nenhum custo, uma vez que todo esses materiais podem ser sucatas e encontradas na própria casa, porém muito significativas para a aprendizagem da criança e que podem proporcionar experiências muito enriquecedoras para o bebê e criança pequena.

Uma situação interessante, que se observa nos adultos, é um excesso de zelo que naturalmente não é saudável para a criança, cada vez mais comum que não tenham a liberdade de brincarem no chão, as crianças ficam limitadas e perdem a liberdade de se arrastar e se locomover de um lado para o outro.

Dentro das condições normais de higiene de uma casa, não existe mal algum no fato de criança brincar no chão, engatinhar, rolar, sentar, deitar e se arrastar no chão, poder decidir se vai para a esquerda ou direita, se engatinha embaixo aqui ou ali, por exemplo, não podemos podar a liberdade de movimento da criança, é necessário que ela adquira este conhecimento de corpo e movimento na prática, devemos proporcionar mais chão e menos colo, cercados e tapetes.

Através do movimento do corpo a criança vai adquirindo desenvolvimento e maturidade motora, mas principalmente a criança passa a ser protagonista da situação, aliás a criança como protagonista com poder de decisão e de escolha é algo que tem sido amplamente debatido em várias esferas na educação infantil, porém mais uma vez é importante ressaltar, que tais conhecimentos não devem estar contidos até os muros da escola.

Avançando um pouco mais nas considerações sobre o desenvolvimento infantil, percebemos que, ao superar um pouco mais a fase sensorial, a criança passa a tentar imi-

tar situações que ela vivencia no dia-a-dia, começa então as brincadeiras simbólicas e de faz-de-conta, a criança começa a perceber, por exemplo, que as pessoas fazem as mesmas coisas de maneira diferente. Vejamos, ao assumir o papel de uma mãe, dando "comida" a uma boneca, ela assume o papel que ela quiser, a criança pode ser a mãe de um amiguinho, a mãe do desenho animado que ela assiste ou a própria mãe, a criança tem uma natureza muito curiosa, constantemente está em busca de algo novo, e sendo muito pequena, existem situações que não pode vivenciar, então é através do faz-de-conta que ela sacia este desejo de vivenciar situações que ainda não esta pronta para experimentar, isso acontece quando as crianças fazem de conta que estão dirigindo, cozinhando, sendo médico, ou qualquer outra situação que lhe chame a atenção, essas brincadeiras estão levando a criança a aprendizagens como: postura, equilíbrio, raciocínio lógico, verbalização, movimento, comunicação corporal, etc.

Ainda sobre as brincadeiras de faz-de-conta, outro aspecto que chama muito a atenção é a criatividade da criança em transformar objetos simples e qualquer coisa que a sua imaginação permitir, é por isso que as vezes as crianças se apegam muito mais a objetos simples, pois é neste objeto que ela se permite idealizar diferentes formas de utilização, desde um tecido que vira capa de super-herói, um pente que vira avião, uma lata que vira carrinho, enfim, a imaginação não tem limites, e diversidade de materiais simples devem fazer parte dos materiais disponibilizados para as crianças, a simplicidade faz parte da natureza da criança e devemos permitir que continue sendo assim, brinquedos industrializados substitui a criatividade infantil.

Um carrinho cheio de recursos sonoros e tecnológicos, tem um número limitado de ações, em algum momento a criança vai enjoar de ouvir aquele sinal sonoro emitido pelo carrinho, vai se entediar em ficar manuseado o controle remoto e é natural que se coloque a serviço da "desconstrução" deste brinquedo (quebrando-o), ou simplesmente deixando-o de lado, em contrapartida, um carrinho como um simples como um trator, por exemplo, pode ser muito mais atraente e enriquecedor para a criança, não é difícil imaginar a cena, a criança que emite ela mesma, o sinal sonoro que ela imagina que aquele automóvel tem, a criança que aciona a alavanca que vai levantar e abaixar aquela caçamba, ela pode encher a caçamba com areia, levar de um lado para o outro, derramar a areia longe do local onde encheu, enfim... o céu é limite quando se trata da imaginação das crianças.

Interessante nesta fase é enriquecer o repertório infantil, algumas vezes a criança não tem oportunidade de vivenciar experiências diversificadas em suas casas, cabe ao professor ampliar essas vivências, por exemplo, se observarmos uma criança que tem contato apenas com o cotidiano doméstico, é natural que ao brincar de faz-de-conta, essa criança se prenda a imitar situações que ela vive diariamente em sua casa, como podemos esperar que uma criança brinque de mecânico se ela nunca visualizou essa prática? Ou então, imite um feirante, se ela nunca foi à feira?

As dramatizações, roda de história e brinquedos que remetam a criança a realidades diferentes das que elas estão acostumadas a vivenciar, são muito importante para o processo do desenvolvimento, a criança que brinca se torna um adulto muito mais huma-

no e com potencial para desenvolver inúmeras habilidades. Em geral, o adulto: criativo, flexível, confiante, que tem melhor controle das emoções, ansiedade e coordenação motora, dentre outras inúmeras habilidades, possivelmente é um adulto que brincou muito durante a infância.

Cuidar é educar e essas ações, devem andar juntas com o brincar, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais em seu artigo 9, as práticas pedagógicas: "... têm como eixo norteadores as interações e o brincar..." (Ministério da Educação, Orientações Curriculares Nacionais para a Educação infantil, 2008/2009. Página 6. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4858

-orientacoes-curriculares--ed&Itemid=30192 Acesso em 15 de setembro de 2016).

Aos poucos é possível introduzir brinquedos e brincadeiras com regras, nesses jogos, as crianças aprendem muitas coisas como: compartilhar, esperar sua vez de brincar, respeitar a vez do amigo, ganhar e perder, naturalmente as crianças vão aprendendo a controlar as emoções e ansiedade,

Quando pensamos em brincadeiras infantis, logo lembramos que brincadeiras e jogos culturais são muito enriquecedores, utilizam pouco ou nenhum material e favorecem: a interação, socialização, internalização de regras além de divertirem muito, no entanto, esses jogos e brincadeiras têm sido deixados de lado, é importantíssimo resgatar brincadeiras como: corre-cotia, seu mestre mandou, dança das cadeiras, esconde-esconde, lencinho branco, passa anel, estátua, batata- quente, brincadeiras de roda, cabra cega, morto-vivo, pega-pega, queimada, cabo- de-guerra, telefone sem fio, toca do coelho, jogo da memória, corrida maluca, entre uma infinidade de outras brincadeiras.

Além de todos os benefícios citados, a prática dessas brincadeiras contribui muito com o desenvolvimento das crianças e ainda auxiliam no combate ao consumismo, ensinar as brincadeiras às crianças, aproveitar eventos onde as famílias estão presentes na escola para promover momento de brincadeiras dirigidas entre familiares e crianças são importantes formas de difundir o brincar e uma maneira de mostrar que a alegria das crianças não se compra consumindo brinquedos caros, mas que é possível conquistar a felicidade através de brincadeiras simples, pois o brincar é revolucionário e libertador, enquanto o consumismo é escraviza.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ponderar sobre distintos aspectos que envolvem o brincar, podemos concluir que a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento infantil, pois através dela a criança formula hipóteses e contextualiza aprendizagens através das experiências vivenciadas.

Através de condições favoráveis para a prática do brincar, os bebês e crianças estabelecem conexões importantes entre a realidade e as brincadeiras simbólicas, desta forma a criança aprende e internaliza conhecimentos de maneira prazerosa, com satisfação e alegria.

A brincadeira é uma necessidade da criança e apesar das brincadeiras dirigidas

serem importantes, a criança também precisa ter o momento de brincar pelo brincar, observando suas próprias conclusões e estabelecendo conexões entre o si mesma e o mundo em que está inserida.

É necessário saber dosar o exercício da prática pedagógica, se de um lado não podemos ensinar a maneira como uma criança deve brincar, uma vez que esse comportamento é nato e acontece de maneira espontânea e naturalmente, por outro lado o professor deve interferir nas brincadeiras em momentos oportunos, uma vez que se faz necessário enriquecer o repertório infantil, porém, a linha que divide a liberdade e o protagonismo infantil da intervenção pedagógica é muito tênue e se faz necessário uma constante análise dos erros e acertos observados no cotidiano, para que seja possível atingir o equilíbrio entre uma coisa e outra.

É muito comum, professores que se preocupam em justificar a brincadeira mediante o planejamento e elaboração de um conteúdo programático, essa prática é importante, o professor deve trabalhar um determinado conteúdo brincando, como por exemplo: formas geométricas, hábitos de higiene, experiências sensorial dentre tantos outros temas pertinentes à educação infantil, todavia, o professor não pode querer trabalhar conteúdo a todo o momento e a toda brincadeira, pois isso significa “didatizar” o brincar, a criança precisa ter o momento do brincar pelo brincar, ela decide, elabora, idealiza e protagoniza.

Cabe aos adultos que compõem o circulo familiar e especialmente educativo que cercam o universo infantil, proporcionar condições favoráveis para que as crianças possam brincar e viver plenamente esse momento da vida, através de experiência e contato com: diversidade de materiais, elementos da natureza, experiências sensoriais, experiências sonoras, integração com crianças de agrupamentos e idade distintas, e é através de implantação e promoção de políticas públicas sérias que gradativamente a educação infantil vai conquistar patamares elevados de qualidade.

Existem vilões que comprometem o desempenho de muitos educadores, dentre eles temos: falta de inspiração, motivação, sobrecarga de trabalho, número excessivo de crianças em por professor, falta de material pedagógico adequado, infra estrutura inadequada, baixos salários e falta de acesso à programas de qualificação profissional uma vez que os cursos oferecidos pela rede não atendem a demanda.

Naturalmente a rotina também é um inimigo potencial do professor que precisa se manter atualizado e antenado com novas práticas e conceitos. A falta de incentivo para a qualificação leva a um processo de desgaste, naturalmente a qualidade do trabalho pedagógico entra em decadência, daí a importância de a escola envolver a comunidade para combater as falhas presentes na educação, como foi elucidado anteriormente.

A escola se torna forte quando ganha a confiança, parceria e envolvimento da comunidade. Importante ressaltar que o apoio popular não deve ter como objeto pressionar o professor, pelo contrário, será importante para: compreender as dificuldades, deliberar alternativas e soluções, viabilizar ações que pressionem o poder público a fim de corrigir as falhas e aperfeiçoar a qualidade da educação.

Evidentemente que os debates em busca de melhorias para a educação devem